



PASSADO E PRESENTE DA DIÁSPORA CHINESA: REFLEXÕES E APROXIMAÇÕES COM O FENÔMENO MIGRATÓRIO CHINÊS E SUA PRESENÇA NO RECIFE – PE¹

Mariana de Albuquerque Vilarim²

Bertrand Roger Guillaume Cozic³

RESUMO

O fenômeno da diáspora chinesa e sua relevância na contemporaneidade se verifica para além dos milhões de migrantes e chineses ultramarinos que residem em 148 países, abrangendo todos os continentes. Tal diáspora encontra correspondência na história da China e, também, na história global, seja através do sistema coolie, responsável pelo espriamento de importante contingente de trabalhadores sínicos, seja a partir da reabertura econômica de 1978 que alçou a China à condição de potência mundial. Mirando as condições históricas e conjunturais, esse trabalho é alicerçado sob um extenso levantamento bibliográfico, que também privilegia a análise da migração sínica voltada ao Brasil, de maneira geral, e à cidade do Recife, onde se materializa, de forma *sui generis*, no bairro de São José, lócus de um tradicional comércio.

Palavras-chaves: Chineses ultramarinos, Migração sínica, Recife – PE, Bairro de São José.

ABSTRACT

The phenomenon of the Chinese diaspora and its relevance in contemporary times goes beyond the millions of migrants and overseas Chinese residing in 148 countries, in all continents. Such dispersion finds correspondence in the history of China and in global history, either through the coolie system, responsible for the spread of an important number of Chinese workers, or from the economic reopening of 1978 that elevated China to the condition of world power. Looking at historical and conjectural conditions, this research is based on an extensive bibliographical survey. Specifically focused on the analysis of the Chinese migration towards Brazil, in general, and in the city of Recife. Where it materializes, in a *sui generis* way, is in the neighborhood of São José, locus of traditional commerce.

Key words: Chinese Overseas, Chinese immigration, Recife – PE, Neighborhood of São José.

INTRODUÇÃO

A história da migração chinesa e sua importância na contemporaneidade abrange mais que um volumoso número de migrantes ou de chineses ultramarinos, também chamados de *Chinese overseas*, que alcançam mais de 148 países, reflete diferentes condições sócio-históricas, econômicas e geográficas, que entrecruzam fronteiras e conectam, de diferentes

¹ Esta pesquisa compõe parte das discussões abordadas na tese de doutoramento em Geografia que está em construção e é financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES);

² Doutoranda em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco;

³ Geógrafo, professor do Departamento de Ciências Geográficas e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco.



modos, a sociedade de origem e as demais sociedades de destino da migração. Através dela, se pode contar histórias de guerra, como a Guerra do Ópio; da dominação ocidental, em parte dos países asiáticos; da expropriação dos trabalhadores *coolies* que encontraram um sistema servil nas plantações de cana-de-açúcar, nos corações das montanhas, trabalhando com o carvão ou em busca de ouro; da labuta na construção de estradas e rodovias. Se pode contar, também, histórias sobre as primeiras comunidades de chineses ultramarinos, as *Chinatowns*; sobre as migrações por motivos políticos, após a Revolução Comunista de 1949, ou as motivadas por fatores econômicos, suscitadas pela abertura da China em 1978, e que permitiu que os negócios sínicos se expandissem para diversos países. Tal expansão alcança, também, o Nordeste brasileiro, se materializando nas ruas, galerias e becos do bairro de São José, situado no centro da cidade do Recife, capital pernambucana.

Assim, esse trabalho tem como intuito pensar a migração sínica e sua diáspora, a partir de um diálogo com os fatos históricos que a fizeram tão relevante mundialmente. Da mesma forma, se propõe a refletir sobre a migração voltada ao Brasil e, mais especificamente, à Recife, a partir do recorte do bairro.

Para tal, são apresentados e discutidos perspectivas analíticas e dados secundários, abordados por pesquisadores diversos, que tratam a temática internacionalmente e pesquisadores brasileiros, além de reflexões extraídas de trabalho de campo realizados para o bairro de São José, Recife – PE.

Migrações sínicas: aproximações históricas

A primeira questão que nos deparamos ao estudar a migração sínica diz respeito a definição do migrante chinês. A princípio, o conceito de migrante, como informa o Glossário sobre as Migrações (OIM, xx), reflete aquele sujeito que toma, livremente, a decisão de migrar por conveniência pessoal e sem a intervenção de fatores externos. Nesse sentido, o migrante ou o grupo de migrantes é representado por aqueles que atravessam fronteiras internacionais ou de um Estado. No caso da China, a migração tende a ser compreendida adicionando à discussão um caráter histórico intrínseco aos deslocamentos observáveis na contemporaneidade e, também, um fator étnico, identitário.

O termo chineses ultramarinos, uma tradução possível para *Chinese overseas*, aparece, nesse sentido, como uma alternativa ao migrante chinês, oferecendo, ao mesmo tempo, um norte analítico na compreensão deste fenômeno migratório. Li e Li (2013) adotam uma concepção na qual os chineses ultramarinos são aqueles que se estabeleceram fora da China



continental, Hong Kong, Taiwan e Macau, em gerações anteriores ou atualmente, mas declaram ou traçam suas origens à China. Dessa forma, inclui desde os migrante de primeira geração aos descendentes de migrantes, mesmo que eles já estejam completamente integrados na cultura do país de nascimento e/ou de residência.

Vale destacar que a importância dessa discussão reside, também, quando se observa o montante migratório oriundo da China. Quando se restringe os dados, a partir do conceito de migrante, a China se configura como o terceiro país em número de migrantes internacionais, sendo 10.7 milhões (OIM, 2020). Por sua vez, se o conceito cambia para o de chineses ultramarinos, o montante, em 2011, chegava a 40.3 milhões, residentes em 148 países, alcançando todos os continentes, de acordo com os dados do *Overseas Chinese Affairs Council* (algo como Conselho de Assuntos sobre Chineses Ultramarinos – tradução livre), trabalhados por Poston Jr. e Wong (2016).

No debate migratório, a referência histórica aos deslocamentos sistemáticos ou contínuos que resultam no espriamento de uma dada população étnica ou religiosa, aparece sob o conceito de diáspora. Originalmente, o termo diáspora era aplicado para retratar a expulsão dos judeus da terra prometida, o que provocou a dispersão deste povo. A compreensão acerca das violências materiais e subjetivas resultantes desse evento, serviu como base para criar uma tipologia específica nas análises diaspóricas, que, atualmente, abrange o caso das pessoas escravizadas da África e levadas às Américas e dos massacres e deslocamentos forçados imputados aos armênios, pelos turcos, sendo conceituado como *victim diaspora* ou diáspora de vítima (COHEN, 2008).

Outras definições de diáspora foram sendo desenvolvidas por acadêmicos ao longo dos anos, segundo Robin Cohen (2008), as diásporas também podem ser classificadas como: (a) laboral, quando um volume expressivo de trabalhadores migraram, sob contratos de trabalho, para atuarem, especialmente, nas plantações tropicais das colônias europeias; (b) imperial, quando foram estabelecidos povoamentos para fins coloniais ou militares; (c) comerciais, quando mercadores de uma dada comunidade viviam em outras regiões, onde aprendiam a língua, os costumes e as práticas comerciais para, enfim, praticá-las – abrangendo desde o comércio realizado pelos fenícios ao espriamento da população sínica no Sudeste Asiático; (d) e diásporas desterritorializadas (*deterritorialized diasporas*), quando um grupo étnico perde sua referência territorial, se transmutando em culturas multilocalizadas e móveis, do original: “(...) *effect mobile and multi-located cultures*” (COHEN, 2008, p. 124), caso dos povos afro-caribenhos.



Apesar do autor focar, em observância ao caso dos chineses, no conceito de diáspora comercial, tanto aquela sustentada pela Rota da Seda, quanto a que culminou com a chegada de importante contingente sínico em diferentes países do Sudeste Asiático, tais como Singapura, Malásia e Indonésia onde, ainda hoje, representa considerável parcela da população, deu-se início, no século XIX, um novo processo diaspórico que culminou com a chegada de milhares de chineses ao continente americano.

A proibição do tráfico de pessoas escravizadas da África que tomou forma no ano de 1807 na Inglaterra e, no ano seguinte, nos Estados Unidos, aliado ao forte espírito imperialista dessas e de outras nações, como França, Alemanha, Holanda, Portugal e Espanha, irromperam na China sob duas formas diacrônicas: a primeira, forçando a abertura de portos ao comércio exterior, após a derrota do país nas Guerras do Ópio, em 1842 e 1856; e, a segunda, culminando na criação de um novo sistema de migração e trabalho, o sistema *coolie*.

A China, à época, era um país que controlava fortemente seus negócios e tinha uma concepção bastante sinocêntrica ante suas relações com o mundo exterior, o que constringia as aspirações mercantis das potências imperialistas ocidentais. A abertura dos portos de Guangzhou, Xiamen, Fuzhou, Ningpo e Shangai, ao mercado externo, fragilizou o poder estatal que já lidava com problemas internos importantes, como a superpopulação que implicava numa crise agrária, forte inflação, desequilíbrio entre oferta e demanda de produtos alimentícios, especialmente o arroz, além de secas, inundações e revoltas sociais (CHING-HWANG, 2013).

Nesse panorama de instabilidade socioeconômica e de um Estado enfraquecido, a abertura dos portos foi uma importante vitória para os ocidentais, cujos interesses escalonaram para além do comércio de bens. Logo, se percebeu o potencial lucrativo que o comércio de trabalhadores poderia atingir, respondendo, também, a necessidade de mão de obra no Novo Mundo (CHING-HWANG, 2013).

O sistema *coolie*, nome usado para designar, especialmente, os trabalhadores chineses e indianos que migraram para diversas partes do mundo no séculos XIX e nas primeiras décadas do XX, sob contratos de trabalho, alcançaram diversas partes do mundo e envolveram milhares de trabalhadores. Segundo Santos (2017), apoiado nos estudos de Northrup, os números dessa imigração contabilizaram, no caso da China, 386.901 pessoas, entre os anos de 1840 e 1910, tendo 18.587 migrantes chineses sido dirigidos ao Caribe Britânico, 2.250 ao Caribe Francês, 2.979 à Guiana Holandesa, 138.156 à Cuba, 117.432 ao Peru, 850 à Maurício, 1.350 à Reunião, 1.100 ao Taiti, 63.938 à Transvaal, colônia britânica na África do Sul (dados para a primeira década do século XX), 5.950 à Queensland, na Austrália, e 34.309 ao Havai.



Outro termo utilizado para se referir aos trabalhadores chineses nas Américas, durante os séculos XIX e as primeiras décadas do XX, é o de *sojourners*, isto é, trabalhadores que tinham o intuito de fazer dinheiro e, em seguida, retornar à China, abrangendo comerciantes e demais trabalhadores. Segundo pesquisas realizadas por Yang (2013), entre 1848 e 1882, havia 317.023 *sojourners* nos Estados Unidos. Já Yu (2013), apoiados em pesquisas diversas, chegou a um número de 91.879 chineses no Canadá, entre os anos de 1885 e 1949.

A migração temporária, em alguns casos, tornou-se permanente, construindo uma conexão *sui generis* entre o país de destino e o país de origem, transformando a paisagem local e conformando as *Chinatowns*, como é o caso da de São Francisco, datada dos anos de 1850, a de Nova York, cuja origem remonta a década de 1870, a de Vancouver, dos anos de 1880, e a de Toronto, datada de 1890. Da mesma forma, essas conexões China – Estados Unidos e China – Canadá possibilitaram a formação de correntes migratórias que facilitaram novos deslocamentos, servindo como rede de apoio aos migrantes recém-chegados, auxiliando na busca por moradia, emprego e empréstimos (YU, 2013), além de conferirem certa proteção à comunidade, especialmente, após as instituições dos atos de exclusão chinesa que, nos Estados Unidos, tomaram forma em 1882 e, no Canadá, no ano de 1923.

Os Atos de Exclusão provocaram remigrações intracontinentais, como ressaltou DeHart (2013), ao retratar os chineses que chegaram aos Estados Unidos e, posteriormente, se dirigiram ao México. Da mesma maneira, as migrações que tinham como destino determinados países não se mantiveram estanques às mudanças sociais, econômicas e políticas, o que levou tais sujeitos a empreenderem novos deslocamentos, seja retornando para a China ou transferindo sua residência para outros países americanos, caso, por exemplo, dos chineses em Cuba e dos sino-cubanos.

Com o fim das restrições à migração, na década de 1960, no Canadá e nos Estados Unidos, novos deslocamentos massivos de migrantes alcançaram esses dois países, reascendendo as redes migratórias (YU, 2013). A reabertura econômica da China, em 1978, também se tornou um importante fator na configuração de novas correntes dirigidas aos tradicionais destinos migratórios dos tempos do sistema *coolie* e possibilitou, também, o surgimento de novos destinos, como revelam Poston Jr. e Wong (2016).

É, sobretudo, a partir da reabertura econômica chinesa e da expansão migratória que a chegada de chineses, em território nacional, vai se tornar mais relevante, contudo, ela não foi exclusiva a este período, nem estanque às atuais condições econômicas e sociais. Dessa forma, atenta-se, em seguida, para tais questões e sua materialização no Brasil e na cidade de Recife, capital do Estado de Pernambuco.



HISTÓRIAS NO SUL DO ATLÂNTICO: CHINESES NO BRASIL

No Brasil, a história dos chineses é anterior a formação da migração massiva dos *coolies*. Ela começa, de forma oficial, quando Don João, príncipe regente, solicita a importação de chins, ou seja, a migração de chineses que iriam desenvolver o cultivo do chá na região do Jardim Botânico, no Rio de Janeiro. A princípio, chegaram 140 trabalhadores, somando-se a eles entre 400 e 500 chineses, nos anos subsequentes, contudo, nem o cultivo da planta, nem a migração sínica perduraram para além deste momento (PIRES, 2013).

Posteriormente, no final do século XIX, quando o Brasil discutia tardiamente as consequências da abolição do regime escravocrata, os burocratas e intelectuais debateram largamente a possibilidade de trazer trabalhadores da China que pudessem servir como mão de obra na passagem do escravismo para o regime de trabalho assalariado. Avaliava-se, à época, as vantagens e desvantagens de tal proposta, de um lado, se pintavam os chineses como bons trabalhadores, sendo uma mão-de-obra mais barata, de outro lado, se ouvia discursos sobre o perigo amarelo, destacando que essa migração poderia mongolizar a população nacional, além de trazer o vício do jogo e do ópio (PIRES, 2013); (CZEPUELA, XXX).

É a partir do século XX que a presença sínica se faz mais comum. No começo do século, muitos chineses chegaram de navio, desembarcando no Porto de Santos. Eram migrantes urbanos, em sua maioria, daí terem se estabelecidos nas cidades, como São Paulo – SP, onde abriram pequenos negócios, como pastelarias e lavanderias (VERÁS, 2008). Outros chegaram após a Revolução Comunista de 1949, temendo perseguições políticas no país de origem, advindos da China continental, Taiwan, Macau e Hong Kong, mas, também, de países do Sudeste Asiáticos, como das Filipinas e da Malásia, e do continente africano, especialmente de Moçambique, colônia portuguesa à época (VÉRAS, 2008).

Nesse período pós-Revolução, quinze famílias taiwanesas que, até então, residiam na cidade de São Paulo – SP, se mudaram para o Recife, capital pernambucana, onde abriram lojas e trabalhavam como autônomos (SILVA, 2008). Já no final desta mesma década, Silva (2008) revela que algumas dessas famílias remigraram para a cidade de São Paulo levando informações acerca da vila chinesa de Pernambuco, evidenciando uma nova possibilidade de destino.

Véras e Silva, tendo em observância a migração voltada para cidades distintas, São Paulo e Recife, respectivamente, concordam que o segundo ciclo da migração sínica para o



Brasil se evidencia durante a década de 1970. Ambos constatam a chegada desses migrantes, a partir do Paraguai, país que matinha relações diplomáticas com Taiwan, instituindo uma forte relação comercial. Os negócios entre a ilha chinesa e o país sul-americano se mantiveram prósperos até a década de 1990. Durante esse período, migrantes chineses se dirigiram a Ciudad del Este, que se tornou um dos maiores centros comerciais do mundo, onde os produtos *Made in China* – brinquedos, bolsas, carteiras, perfumes, roupas, relógios, pequenos eletroeletrônicos, dentre outros – ocupavam importante parcela do mercado.

A partir dos anos de 1990, com o aumento progressivo das pressões internacionais perante o mercado de produtos falsificados e o aumento da fiscalização no Brasil, tal comercialização passou a minguar, o que impulsionou a remigração sínica e sua entrada mais expressiva no território nacional (PINHEIRO-MACHADO, 2008). Esses migrantes se concentraram, fortemente, no Estado de São Paulo, onde já havia comunidades de migrantes e um importante mercado consumidor voltado aos produtos *Made in China* e, com o tempo, foram se interiorizando pelo país.

Segundo Amorim (2016), os chineses são a quarta nacionalidade mais expressiva no país, atrás apenas dos bolivianos, estadunidenses e argentinos e, apesar de uma concentração histórica na região Sudeste, os migrantes vêm alcançando novas cidades no território nacional, se espalhando, também, pela região Nordeste, como retratam as pesquisas de Góes (2015), sobre os chineses em Aracajú – SE e de Silva (2008) sobre a presença sínica na capital pernambucana.

Em Pernambuco, tal presença vem sendo acompanhada pelo jornalismo local. Em matéria publicada pelo Diário de Pernambuco, no ano de 2016, contatou-se que, aproximadamente, dez mil chineses viviam na Região Nordeste, sendo quatro mil no estado pernambucano. Já em 2020, a jornalista Juliana Aguiar, munida de informações passadas pelo Consulado Geral da China, publicou nova matéria, que trazia o número de oito mil chineses residindo na capital pernambucana (AGUIAR, 2020), o que mostra a força e o crescente aumento dessa migração.

Os sínicos, na capital pernambucana, desenvolvem diferentes atividades laborais, alguns são professores de mandarim e estão vinculados a instituições de ensino, como ao Instituto Confúcio, associado a Universidade de Pernambuco; são empresários com altos graus de mobilidade, como aqueles que laboram na fábrica da Shineray, localizada no Porto de Suape, na região metropolitana; possuem restaurantes que são encontrados em diversos bairros da cidade; e, também, inúmeras lojas no centro do Recife, especialmente, no bairro de São José, onde vendem uma miscelânea de produtos, conformando um novo mercado local.



O bairro de São José, vale ressaltar, é uma referência para o comércio recifense desde a formação da cidade, localiza-se na costa, mais especificamente na Ilha de Santo Antônio e, juntamente com o bairro vizinho, que mantém o nome da ilha, teve sua ocupação já no século XVII pelos batavos. O pesquisador Mário Lacerda de Melo (1978) atenta, ao analisar a planta da cidade de 1844, que eram apenas nesses dois lugares onde se encontravam densidade populacional, indicando que foi a partir de lá que Recife despontou.

Em São José se abrigava um importante mercado alimentício, a Ribeira do Peixe, que interconectava comerciantes da Zona da Mata, do Agreste e do Sertão com os compradores citadinos, oferecendo o necessário para o abastecimento da cidade. Em 1875, à luz dos ideários de modernidade, salubridade e civilidade, apregoados pela elite local, foi inaugurado o Mercado de São José que se manteve como principal centro de abastecimento alimentar até os anos de 1950-1960 (GUILLEN, 2009). Apesar de não representar mais o principal polo de abastecimento local, São José continua abrigando um comércio bastante variado, oferecendo alimentos, roupas, artesanatos, material escolar, material de construção, produtos para casa etc. Como nos tempos passados, o bairro se mantém como uma referência para as compras do dia a dia e também para as festas importantes, como o carnaval ou o natal.

Em lojas e galerias que se espalham pelas ruas de São José, de Santa Rita, rua Direita, dentre tantas outras, se tornou comum avistar chineses no cotidiano do trabalho, geralmente, atrás dos balcões das lojas, controlando os caixas e conferindo a entrada e saída de mercadorias. Os chineses, geralmente, são os donos das lojas e, com o sucesso do comércio, foram, aos poucos, alugando mais espaços e expandido seus negócios. Segundo Silva (2008), a oferta de produtos de baixo valor foi minando a concorrência local, permitindo que novas lojas fossem adquiridas, tal autor, contabilizou quarenta e três lojas espalhadas pelos bairros de São José e de Santo Antônio.

A política de manter os preços das mercadorias sempre mais baixo que a concorrência, levou muitos comerciantes locais a falência, o que, por sua vez, gerou um sentimento de desconfiança perante o sínico. Em conversas informais, realizadas durante visitas ao bairro, comerciantes brasileiros, alguns dos quais não trabalham com a mesma mercadoria que os migrantes, relatam algum desconforto com a reconfiguração do comércio, alegando que perderam clientela e que está mais difícil vender seus produtos. Em contraposição, alguns trabalhadores das lojas de produtos chineses, também em conversas informais, elogiaram os patrões, dizendo que eles assinam a carteira de trabalho e que nunca atrasam os salários, contudo, em alguns momentos, pode-se ouvir reclamações a respeito da forma como são tratados, destacando certa rispidez, no dia a dia.



As tensões e conflitos em São José, entre os trabalhadores brasileiros e os trabalhadores sínicos, assim como a reconfiguração do comércio local e, também, a história pessoal daquele que migra, faz parte de uma análise que vem sendo desenvolvida, mas que conta com certos atravessamentos, tendo em vista a dificuldade em conseguir entrevistas formais ou conversas informais com os integrantes da comunidade sínica local, o que vem dificultando a construção do trabalho, contudo, a observação atenta realizada durante os trabalhos de campo, indicam alguns elementos importantes acerca dessa migração, da interação entre migrantes e autóctones e do comércio local.

Considerações Finais

A migração chinesa atravessa momentos históricos diversos e constrói histórias singulares em cada local de destino, há migrantes que ficam suas raízes e constroem suas vidas no além-mar, há aqueles que retornam e os que fazem da vida uma viagem de idas e vindas, conectando o país de nascimento com aquele de residência.

A diáspora evidencia uma prática histórica que nem sempre foi condicionada pela simples vontade de migrar, mas imposta por um sistema de exploração, pelas condições de vida, pelo desejo de ascender socialmente, seja no Sudeste Asiático, no continente americano ou em qualquer outro lugar. E é assim que esse movimento ganha vida e se materializa nas grandes cidades, como Nova York, Vancouver, São Paulo ou Recife.

As diferentes características dos deslocamentos migratórios dialogam e ganham especificidades. Em Recife, encontram-se chineses em diferentes atividades laborais, no entanto, se sobressaem aqueles que ocupam lugar no centro da cidade, onde são vistos cotidianamente, se reproduzindo através do comércio de produtos *Made in China*. Os trabalhos de campo permitem uma observação importante acerca da interação entre brasileiros e chineses, assim como, da inserção que esses migrantes têm perante o comércio local, contudo, novas análises e entrevistas precisam ser realizadas para que as histórias, pessoais e coletivas, ganhem expressão e contribuam na compreensão do panorama local.

Referências:

AGUIAR, Juliana. Laços mais estreitos entre brasileiros e chineses. **Diário de Pernambuco**, Recife, 15 de mai. de 2020. Disponível em: <
<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/mundo/2020/08/lacos-mais-estritos-entre-brasileiros-e-chineses.html>>. Acessado em 18 jan. 2020.



AMORIM, Marcela Sampaio Magalhães Alves O imigrante chinês no Brasil e no Sudeste: uma análise dos dados do Censo 2010 e do Sincre – Polícia Federal de 2000 a 2014. **Caderno de Geografia**. Belo Horizonte, v. 26 n. 1. 2016.

CHING-HWANG, YEN. Chinese coolie emigration, 1845-74. In: Chee-Bang [org.] **Routledge handbook of the Chinese diaspora**. 1 ed. Nova York: Routledge, 2013.

COHEN, Robin. **Global Diasporas: an introduction**. Oxford: Routledge, 2008.

CZUPULA, Kamila. “Os indesejáveis chins”: a migração chinesa nas páginas do jornal Gazeta de Notícias (1879). In: Encontro Estadual de História – ANPUH SP. 2016. São Paulo. **Anais...** 01 – 13 p. Disponível em
<http://www.encontro2016.sp.anpuh.org/resources/anais/48/1467761499_ARQUIVO_TEXT_OcompletoANPUH.pdf> Acessado em 01 de ago. 2017.

Diário de Pernambuco. Maior aproximação com os chineses. **Diário de Pernambuco**. Recife, 23 de fev. 2016. Disponível em
http://www.impresso.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/cadernos/economia/2016/02/23/interna_economia,138155/maior-aproximacao-com-os-chineses.shtml Acessado em 10 de mai. 2020.

GOÉS, Alisson Gomes Santos. A imigração chinesa em Aracaju: percursos e discursos de uma presença em construção. **TOMO**. Aracaju. n. 26. 303-330 p. 2015. Disponível em
<<https://seer.ufs.br/index.php/tomo/article/viewFile/4410/3648>> Acessado em 02 de set. 2020.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. Mercado de São José: contando histórias em um lugar de memória. In: Simpósio Nacional de História – ANPUH. 2009. Fortaleza. **Anais...** 01 – 08 p. Disponível em <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0643.pdf> Acessado em 14 de ago. 2021.

HU-DEHART, Evelyn. Integration and exclusion: the Chinese in multracial Latin America na the Carribean. In: Chee-Bang [org.] **Routledge handbook of the Chinese diaspora**. 1 ed. Nova York: Routledge, 2013.



LI, Peter; LI, Eva Xiaoling. The Chinese overseas population. In: Chee-Bang [org.] **Routledge handbook of the Chinese diaspora**. 1 ed. Nova York: Routledge, 2013.

Organização Internacional para as Migrações. **Glossário sobre Migração**, 2009. Disponível em: <<https://publications.iom.int/system/files/pdf/iml22.pdf>> Acessado em 02 de ago. 2021;

Organização Internacional para as Migrações. **World Migration Report 2020**. Disponível em: < https://publications.iom.int/system/files/pdf/wmr_2020.pdf>. Acessado em 10 jul. 2021.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. China-Paraguai-Brasil: uma rota para pensar a economia informal. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo. v. 23 n. 67 jun, 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092008000200009&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acessado em 15 de jun. 2021.

PIRES, Victor Hugo Luna. **Os “chins” nas sociedades tropicais de plantação**: estudo das propostas de importação de trabalhadores chineses sob contrato e suas experiências de trabalho e vida no Brasil (1814 – 1878). 2013. 171f. Dissertação (Mestrado). História, Universidade Federal de Pernambuco, 2013.

POSTON JR, Dudley; WONG, Juyin Helen. The Chinese diaspora: the current distribution of the Chinese population. **Chinese Journal of Sociology**. New York: v. 2 (3), 2016. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/307898102_The_Chinese_diaspora_The_current_distribution_of_the_overseas_Chinese_population> Acessado em 09 de jul. 2021.

SANTOS, Marco Aurélio. Migração e trabalho sob contrato no século XIX. **História**. São Paulo. v.36 e.12, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/his/a/h8b9RJHgsV6PQPJMhZyJNRD/?format=pdf&lang=pt>> Acessado em 02 de ago. 2021.



SILVA, Marcos Araújo. **Guanxi nos trópicos**: um estudo sobre a diáspora chinesa em Pernambuco. 2008. 202 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2008.

VÉRAS, Daniel. Bicudo. **As diásporas chinesas e o Brasil**: a comunidade sino-brasileira em São Paulo. 2008. 280f. Tese (Doutorado). Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

YANG, Phillip. From sojourning to settlement to transnationalism: transformations of the Chinese immigrant community in America. In: Chee-Bang [org.] **Routledge handbook of the Chinese diaspora**. 1 ed. Nova York: Routledge, 2013.

YU, Henry. Mountains of gold: Canada, North America, and the Cantonese Pacific. In: Chee-Bang [org.] **Routledge handbook of the Chinese diaspora**. 1 ed. Nova York: Routledge, 2013.